

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

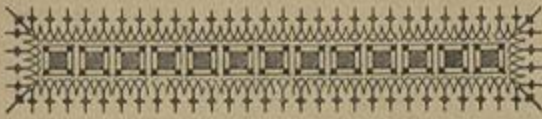
20.º Anno

10 de Setembro de 1897

XX Volume — N.º 673



MAJOR MOUSINHO D'ALBUQUERQUE — COMMISSARIO REGIO DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE  
(Copia de uma photographia do sr. Bobone)



## CHRONICA OCCIDENTAL

Depois d'uns dias de fortísimos calores, uma manhã embaciada, triste, sem um bocadinho de azul no céu, sem um chilrear de pardal n'uma arvore. Manhã precursora do outomno, que traz melancolias a muitos.

Não tardará, vão os collegios, as universidades, as escolas, todas as casas de educação, abrir as portas.

E os que teem agora os filhos em casa vão ter depois o acordar mais triste, e á hora do almoço, antes de partir para o governo da vida, á hora do jantar, quando voltem do trabalho, sentirão frio á mesa com os logares mais espaçados.

As ferias são o tempo mais alegre do anno para os paes dos pequenitos. E estes tambem entristeram n'um dia como o d'hoje, n'esta manhã ennuveada. Coragem, rapazes! Outubro está á porta. No momento da partida beba-se uma gotada d'agua para empurrar para baixo o soluço, e vamos com animo a essas physicas e mathematicas, cujas formulas nos primeiros dias se emburham nos olhares embaciados, a esses latins e mais linguas, cujos nomes arrelhados nos grossos dictionarios assumem aspectos tyrannos, a essas historias velhas, cheias de paginas tragicas, que fazem sonhar de noite sonhos tao differentes d'essas queridas visões das ferias azues e côr de rosa, esbatidas sempre em tintas meigas.

Por essas praias tambem um dia d'estes se espalhou uma pesada melancolia. Ebaciou-se o mar azul, espelhando o céu côr de chumbo, embaciaram-se as almas n'uma certeza de saudade proxima.

Bem estão os que voltam da beira-mar para as grandes cidades, Lisboa ou Porto, onde continuam pelo inverno fóra a mesma vida alegre e distrahida; mas quantos voltam d'ali para cantinhos tristes de provincia, onde só da saudade alimentam os sentimentos! Então nas manhãs melancolicas as pobres raparigas acordadas pelo repique triste dos sinos annunciando a missa; nas longas noites, que tão rapidas descem, encostando as cabeças aos vidros das janellas, vendo sombras melancolicas fazendo esgares sob os candeieiros de petroleo, na luz amarella e vacillante; durante o inteiro dia com a chuva miuda a cair, sem meio de combater a ociosidade morbida; então uma saudade immensa faz-lhes rever esse verão alegremente passado na praia risonha e buliçosa, o mar a faliscar como saphira immensa meia-engastada no oiro fulvo das areias, o céu em que nuvensinhas brancas correm como espelhando as vélas do Oceano. E o mais que ellas recordam não o dizem, porque é o segredo das almas, e é o que não dizem que as faz chorar.

E o presentimento do tempo, que ha de vir, veio já embaciando a ventura dos bons tempos, que vão correndo.

Estão-se fazendo as vindimas por esses campos; já nas baixas se colheu muita uva; não tardará que os homens e as mulheres cantando cantigas alegres trepem pelas encostas, ainda ha pouco tão verdes e já agora principiando a doirar.

A manhã d'hoje calou muita cantiga. Todos se lembraram do inverno tão triste para o pobresinho, tão frio, com tão pouquinho pão.

O inverno é triste no campo, que só se enfeita para receber o sol. Planicies extensas onde a ervã mal rasteja; as arvores desfolhadas, que parecem mortas, lugubres como esqueletos; montes, que as vinhas cobriram, e nús parecem tremer de frio; nevoeiros baixos encurtando os horizontes; valles onde os ribeiros cantam melancolias; chaminés sem fumo, e é isso o peor.

Ainda as queimadas não acabaram, que tempo levará a charneca antes que outra vez se encha de flores? Que tempo ainda havemos de ver trejar aquelle bocado que foi roçado, antes que apontem as primeiras folhinhas de trigo?

Triste, triste, o primeiro annuncio do inverno trouxe tristezas a quantos!

E, entretanto, tambem ha quem se alegre. Alegra-se o que está preso na cidade e mal vive na pesada solidão, a que os mezes de mais calor o condemnam todos os annos.

O inverno está á porta, dizem elles olhando para o céu cheio de nuvens, abrindo a bocca, dilatando os pulmões alegremente, para aspirar o ar humido, o vento do noroeste.

Effectivamente nada mais merencorio que o crepusculo d'uma tarde de verão n'uma grande cidade abandonada. Ruas desertas, casas fechadas, andorinhões a voar, aos gritos, plantas a

estiar-se nos pequeninos canteiros entre o beton dos passeios.

Distracções pequenas ou raras.

Os cirios acabaram já. Annunciaram-se duas toiradas com Guerrita.

Virá? Não virá? Afinal veio.

Como é alegre uma partida para os toiros! Batem as carruagens, silvam os comboios, gemem pela rampa da Estephania as mulas dos americanos apinhados. Vamos aos toiros! Viva Guerrita! Dois dias alegres no meio d'uma sem-saboria pasmosa. Sol, rompe essas nuvens, que precisamos de ti! Dá a tua luz viva á areia d'essa praça, ás bandeiras que fluctuam nos altos, ás côres dos lenços e dos vestidos das mulheres, aos doirados dos capinhas, á côr de sangue d'esse trapo, ao olhar d'esse toiro, á nossa alegria, porque tu deves ser o rei da festa, porque o sangue que nos corre nas veias, nos faz amar a luz e o bulicio e nos dá o enthusiasmo, tu o criaste, a ti o devemos.

Aos toiros, e viva Guerrita!

O verão diz-nos um adeus brilhante. E' tempo de pensar no inverno.

Começam os theatros a prepararem-se. O teatro de D. Maria está lavando a cara, que bem precisava, e dá relevo ás suas cantarias brancas sobre os paramentos côr de rosa.

De repertorios pouco se fala a não ser no do teatro da Trindade que, abandonando o de opera comica, vae estreiar a sua epoca com o drama de Sudderman *A Honra*, traduzido por Maximiliano de Azevedo.

Virginia, Emilia Lopes, Ferreira da Silva, Mello, Joaquim Costa, Cesar de Lima e Posser, antigos escripturados do teatro de D. Maria, fazem parte da companhia exploradora. Palmira Bastos vai pela primeira vez representar drama em Lisboa, em companhia bem organizada, sendo de esperar que obtenha os mesmos applausos com que foi tão aclamada nos theatros do Brazil, quando alli representou ao lado dos Rosas e Brazaõ. Muito ha a esperar de suas muitas aptidões.

A grande novidade em theatros é outra, porém; porque não pôde haver maior novidade do que aquillo que não se espera. Quem o diria!—E entretanto nada mais certo em teatro, o que sempre lhe dá uma incertezasinha, do que a nova entrada para D. Maria da actriz, sr<sup>a</sup>. Lucinda Simões.

Juntamente com ella, entrarão para a companhia Lucilia Simões, um astrosinho de menos má grandeza, e Christiano de Sousa, cujos progressos são incontestaveis.

Fala-se muito no drama a concurso para o centenario do descobrimento da India. Deve ser um caso curioso. Ainda o concurso mal se abriu, o que já não vai por ahi. . . ! E quantos esperavam as condições para dar principio aos trabalhos . . . ! Trez mezes! Estão servidos.

Sabem a historia do pucarinho? . . . Bem fiz eu que não fanei! E afinal fanei.

Mas o centenario ainda vem longe; ha um longo inverno a atravessar.

Já vão cahindo as folhas; ouve-se lhes o rumor nas longas alamedas, sacudidas pela brisa da tarde; estalam-nos debaixo dos pés. O sol é mais pallido, os poentes são menos sanguineos. Andá uma melancolia no ar. Não tardarão as primeiras chuvas.

Dias lindos ainda hão de voltar depois, que o verão nos não diz adeus assim, sem mais uma despedida. No tempo dos chrysanthemos, nos dias meigos do verão de S. Martinho, Lisboa ha de animar-se, voltar á vida. As modas novas do inverno hão de enfeitar caras bonitas, á sahida da missa do Loreto, ás tardes, pela Avenida, toda illuminada pelo sol d'oiro pallido no céu azul listrado por ligeirissimas nuvens como tarlatanas transparentes.

São pequeninas ferias que é preciso gosar, por que são pequenissimas. As manhãs teem um perfume novo, os dias uma tepidez acariciadora, as tardes uma doçura melancolica. É um adeus terno como um beijo. O céu enfeita-se á noite, que o céu de inverno é muito mais lindo. Basta uma ligeira humidade, para que todas as estrellas brilhem tanto, que parece que estão a rir! E no meio d'ellas, bem no alto, logo á bocca da noite, Sirius, a rainha do céu.

A manhã ennuveada foi nuncia da approximação do inverno. Mas deixal-o. O tempo é sempre lindo, até quando o temporal se desencadeia e as nuvens furiosas se encapellam no céu. A lua mergulha por vezes no negrume, a terra enche-se de trevas; a lua emerge e segue a sua carreira fantastica, fantasticamente contra o vento.

O inverno está a chegar. A manhã ennuveada já diz saudades que hão de vir.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

MAJOR MOUSINHO D'ALBUQUERQUE

Commissario Regio da Provincia de Moçambique

As novas victorias alcançadas em Africa pelas forças expedicionarias portuguezas, que ali foram combater pela integridade da patria, vieram mais uma vez pôr em relevo o valente e já hoje benemerito major Mousinho d'Albuquerque, Commissario Regio da provincia de Moçambique.

O relatório da campanha contra os namarraes enviado por Mousinho d'Albuquerque ao ministerio da marinha e publicado appenso ao *Diario do Governo*, é um documento valioso de quanto valeu aquella campanha, sobre que havia bem fundados receios, mas de que felizmente, o heroe de Chaimite soube triumphar devido á boa direcção das operações, como quem bem conhecia o campo de acção onde tinha de operar e possuia a tactica militar de um general experimentado.

O relatório a que nos referimos é hoje do dominio geral, conhecido de todos porque, além da publicidade que lhe deu o *Diario do Governo*, foi mais ou menos reeditado pelos jornaes de todo o paiz, por isso nos parece ocioso reproduzir o aqui, entretanto lembraremos o combate de Mojenga, realisado em outubro do anno passado, que apesar das forças portuguezas terem tido que retirar, por serem insufficientes contra o inimigo e acharem-se em más condições de resistencia, essa retirada foi uma das mais notaveis de que ha memoria, pela boa ordem em que foi feita e relativas vantagens com que se realisou.

Referimo-nos a este facto por que elle determinou novas operações que permittiram as victorias de Naguema, Ibrahimo e Mucutu-Muno com o que se pacificou a provincia.

Mai tinha, porém terminado esta campanha com tanta gloria para as armas portuguezas, novas perturbações succediam em Gaza, que reclamavam immediata repressão.

Mousinho d'Albuquerque não hesitou e, não obstante, a sua posição de commissario regio e governador geral, foi, como na campanha contra os namarraes, commandar as forças que poudo reunir e dar batalha aos revoltosos, dominando-os em Gaza e restabelecendo a ordem.

A muitos ouvimos dizer ser improprio e arriscado um governador geral expor-se assim aos azares da guerra, mas Mousinho d'Albuquerque não se prende com essas coisas; sabe que o anjo das victorias o acompanha, que a sua presença inspira confiança aos seus soldados, e não é infundada esta confiança, porque elle tudo prevê, tudo calcula, como se lê de seu relatório que é a resposta mais eloquente e mais esmagadora para os que apenas o consideravam um temerario.

Este homem espantoso, deixei-nos assim dizer, porque assim o consideramos do meio dissolvente em que vivemos, não é só um guerreiro audacioso e valente inebriado pelo amor da gloria, é tambem um administrador escrupuloso, e um espirito recto amante da justiça.

As paginas do seu relatório provam-o de sobra, e o estado economico da provincia de Moçambique assaz lisongeiro, vivendo já dos proprios recursos sem pedir um real ao governo da metropole e fazendo prever em breve saldos no seu orçamento, mostra bem claramente a boa administração das rendas publicas, fazendo um frizante contraste com as administrações anteriores e com as que ainda se observam n'outras provincias.

Mas o que ainda ha mais para notar é a situação moral que resulta do conjuncto da boa administração e recta justiça, estado que bem pôde causar inveja á metropole.

Sequioso de boa administração e recta justiça está Portugal, e é por isso mesmo que maior nos parece a estatura moral de Mousinho d'Albuquerque, sahindo d'este meio putrido e corrupto e elevando-se tanto acima do nivel moral, pelo seu caracter independente e justo, digno e desprezado das pequenas miserias.

Verdadeiro amante da sua patria, corta desasombradamente pelo direito, pondo acima dos interesses individuaes ou particulares o interesse geral. É assim que se engrandece uma nação, é assim que se levanta o espirito publico, é assim que se robustece a força moral, a maior de todas as forças.

É vêr como o povo recebe Mousinho d'Albuquerque ao regressar a Lourenço Marques de volta das campanhas. É vêr como a imprensa estrangeira, aquella que menos lisongeira nos tem sido nos últimos tempos, se refere ao benemerito governador geral de Moçambique, e como esses jornaes felicitam Portugal pelas victorias alcançadas e pelo estado florescente em que vae entrando a provincia, muito especialmente Lourenço Marques.

Mousinho d'Albuquerque só conhece a boa politica, aquella que engrandece as nações, d'ahi virá naturalmente o desagrado dos politicos de barriga.

Que Deus o proteja.

#### CALDAS D'AREGOS

Situadas na margem esquerda do Douro, as celebres Caldas d'Aregos pertencem á freguezia de Miumães, e as suas aguas possuem virtudes therapeuticas muito semelhantes ás das Caldas da Rainha, pois que tambem são sulphurosas.

Nascentes na vertente esquerda de um ribeiro denominado *das Caldas*, proximo á povoação, a uns quatrocentos metros da margem esquerda do Douro, onde vae desaguar aquelle ribeiro.

Em seculos passados, foi grande a fama d'estas thermas, porem a sua decadencia mais se accentuou pelo desleixo a que votaram os caminhos e pela proximidade das Caldas de Moledo.

Ali fundou a rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso I, uma albergaria, que ainda existia ha annos com um tanque e com a obrigação de estarem sempre promptas duas camas para pobres.

As nascentes são muito numerosas e abundantes, mas pouco aproveitadas. Uma ha de que dimanam 65:000 litros d'agua em 24 horas, e todas ellas juntas dão mais de 300:000 litros.

A temperatura das aguas, em geral, medeia entre 56° e 57° sendo muito limpida e algumas acompanhadas de bolhas de ar.

Parece, pois, que se a iniciativa local dirigisse bem as suas tentativas, as Caldas d'Aregos, poderiam tornar a possuir o logar que tiveram, pois que a sua paisagem ainda é egualmente encantadora, a sulphuração das aguas mantem-se nas mesmas proporções, e o estabelecimento de estradas não é difficil, e tudo que seja fomentar a riqueza nacional e a utilidade publica deve merecer verdadeira attenção.

Ao rememormos a antiga celebridade das thermas de Aregos e dando á estampa uma vista d'ellas, anima-nos o desejo sincero do seu resurgimento.

### A REAL FABRICA DAS SEDAS

(Continuado do numero 679)

#### III

Eis o notavel diploma:

1.ª Com condição que poderá elle *Roberto Rodin* estabelecer n'esta corte uma fabrica para lavar toda a qualidade de estofos de seda com ouro, e prata, e assim mesmo veludos, damascos, primaveras, gorgorões lizos, e lavrados, brocateis, chamalotes, setins peluças, nobresas, tafetás, meias, galões de ouro, prata, ou de seda com linha; e que além da dita fabrica, poderá erigir outras semelhantes em quaesquer outros logares d'este reino, e do Algarve, que escolher, as quaes ficarão logrando os mesmos privilegios abaixo expressados, durante o tempo de vinte annos, por que se lhe concedem, contados do 1.º de Março proximo futuro.

2.ª Com condição que dentro do dito tempo dos vinte annos referidos nenhuma outra pessoa, de qualquer qualidade que seja, poderá sem intervenção, ou licença do supplicante estabelecer de novo n'este reino e suas conquistas alguma outra fabrica de semelhantes manufacturas; sob pena de lhe serem tomados por perdidos para o supplicante todos os teares, e manufacturas, que se lhe acharem; e havendo denunciante, se lhe dará ametade da tomadia, e demais se procederá contra o transgressor na forma que fór conveniente: com declaração porém que esta prohibição não comprehendirá as fabricas, que já ha estabelecidas presentemente, as quaes ficarão permitidas, e salvos quaesquer privilegios, que lhes fossem concedidos, especialmente ás fabricas de

Bragança, com tanto que n'ellas se não levantem teares de novo, para se lavrarem outras qualidades de sedas differentes das que até agora lavravão, não tendo para isso especial privilegio; e havendo contravenção, ficarão sujeitos os transgressores ás penas referidas.

3.ª Com condição que, se o supplicante vier a morrer, antes de ter expirado o tempo referido d'estes, poderá nomear em seu logar a pessoa que lhe parecer, a qual gozará dos mesmos por todo o tempo, que faltar ao supplicante, e não nomeando, passará a seus herdeiros, a quem pertencerem as fabricas.

4.ª Com condição que o supplicante poderá tomar de aposentadoria para si, seus officiaes, e feitores pela primeira vez as casas, armazens, e lojas, que lhe forem necessarias, não estando occupadas pelos proprietarios; e que depois gozará de aposentadoria passiva.

5.ª Com condição que nas cidades, villas, e logares, em que o supplicante intentar erigir alguma fabrica, se lhe fará prompto o sitio, ou casas, que lhe forem precisas e mais convenientes, sendo o dito sitio, ou casas do concelho, e pagando o supplicante o seu justo preço, ou aluguer, conforme a sua eleição; e sendo de pessoas particulares, fará livremente os ajustes, que lhe parecer, e não podendo conseguil-os pela resistencia dos proprietarios, recorrerá ao Conselho da Fazenda, para se dar a providencia, que se julgar conveniente, ou obrigando os ditos proprietarios, ou assignando-lhe outro logar equivalente para a fabrica.

6.ª Com condição que nos primeiros dez annos dos vinte acima declarados não pagará o supplicante direitos alguns actuaes, ou futuros de toda a seda em rama, que fizer vir do reino ou de fóra d'elle, para se empregar nas fabricas, nem dos instrumentos, e materiaes necessarios para a sua construcção, e lavor; a saber, madeiras, ferro, chumbo, linho, e tintas, mandando o supplicante vir por sua conta e risco por mar, ou por terra as ditas sedas, instrumentos, e materiaes; para o que será obrigado a apresentar os conhecimentos, jurando que tudo he para o consumo das fabricas; e constando que dos ditos generos se vendem, trocã, ou traspassão alguns para differente uso, ficarão sujeitos ás penas de desencaminhados, para o que qualquer pessoa os poderá denunciar, e se procederá de mais contra o supplicante, como parecer conveniente.

7.ª Com condição que pelos mesmos dez annos, contados na forma referida, serão egualmente livres de direitos todas as manufacturas, que se obrarem nas fabricas, e consumirem nestes reinos; porém as que se mandarem para fora delles pagarão respectivamente os direitos de Consulado, ou Portos Seccos; e as que forem para as conquistas, pagarão semelhantemente os direitos costumados nas alfandegas dellas.

8.ª Com condição que havendo no reino sabão capaz para uso das fabricas, será o supplicante obrigado a servir-se delle, e não de outro. Se porém constar por exame de pessoas peritas, o qual mandará fazer neste caso o Conselho de Fazenda, não ter o sabão do reino a capacidade necessaria, poderá o supplicante mandallo vir por sua conta, ou da ilha de S. Thomé, ou de Marselha, ou de Italia, com as cautellas acima expressadas na condição 6.ª a respeito das sedas, e mais materiaes, e não pagará direitos do que introduzir dentro dos referidos dez annos, ficando sujeito ás mesmas penas declaradas na dita condição 6.ª, quando conste que vende, ou traspassa por qualquer modo o dito sabão para outro uso fóra do das fabricas, em prejuizo das saboarias.

9.ª Com condição que igualmente será obrigado o supplicante a preferir para o consumo das fabricas a seda do reino, e as que se conduzirem da China em navios portuguezes, vendendo-se-lhe por preços racionaveis.

10.ª Com condição que, para evitar qualquer fraude, que póde resultar da referida liberdade de direitos, além do juramento, e mais cautellas expressadas na condição 6.ª se examinará por ordem do Conselho de Fazenda, no fim de cada anno pelas peças de que o supplicante tiver dado entrada na alfandega, na forma abaixo declarada, e pelas que estiverem na fabrica, e seda em rama, que se achar n'ella em ser, se consumiu toda a que des-

pachou no mesmo anno e se houve descaminho; e havendo-o pagará em tres-dobro o valor da dita seda descaminhada; e sendo necessario se poderão repetir mais vezes no anno os ditos exames.

11.ª Com condição que todas as peças de seda, e mais manufacturas, que se lavrarem nas fabricas, serão marcadas com a marca propria das mesmas no principio, e no fim de cada huma, de que se farão os assentos em hum livro, que para isto haverá, rubricado pelo Conservador, e depois de acabadas será o supplicante obrigado a manifestallas na alfandega, onde se lhes dará prompta expedição, registrando-se em livro separado, e pondo-se-lhe o sello, sem o qual não poderão vender-se, sob pena de pagar o supplicante em tres-dobro o valor de cada huma das ditas peças, que se achar não foi manifestada na alfandega, para cujo effeito se conferirão no fim do anno os livros das fabricas com os da alfandega na presença do provedor della.

12.ª Com condição que por ordem do Conselho da Fazenda serão visitadas todas as fabricas todos os annos no tempo que parecer, para se examinar o estado, em que se achão, de que o mesmo Conselho dará conta a Sua Magestade por consulta com o seu parecer. E contando que por culpa do supplicante se não augmentão, ou conservão na devida perfeição, será castigado como merecer, e se repetirão mais vezes no anno as visitas, sendo necessario.

13.ª Com condição que para o bom governo, e ordem que deve observar-se nas fabricas, se lhe dará regimento proprio, o qual será confirmado por sua Magestade, e o supplicante obrigado a observallo, e os seus officiaes, e mais pessoas addidas á mesma fabrica.

14.ª Com condição que o supplicante será obrigado a metter nas fabricas hum numero competente de aprendizes, sendo a maior parte Portuguezes. Estes, depois de ajustados, voluntaria, e convencionalmente, não poderão sair d'ellas, sem terem acabado o seu tempo, excepto se, o supplicante reconhecer em algum total incapacidade para aprender; porque neste caso os poderá despedir; e todos os contractos feitos, e por fazer com os aprendizes, officiaes, e mais pessoas pertencentes ás fabricas valerão como se fosse escriptura publica, e o Juiz, a que tocar, será obrigado a dar-lhe sua inteira, e devida execução.

15.ª Com condição que se alguma pessoa desinquietar qualquer official, ou aprendiz das ditas fabricas, será logo prezo e obrigado a repor á sua custa o dito official, ou aprendiz na mesma fabrica, e pagará em tres-dobros ao supplicante o damno ou prejuizo que lhe tiver causado.

16.ª Com condição que todos os que servirem nas fabricas, não poderão ser obrigados para soldados, estando matriculados, e assistindo com effeito nellas, não havendo abuso; e a matricula se fará na presença do Conservador em um livro, que haverá para este effeito rubricado por elle; e por seu despacho se lhes formará assento; e com certidão, e da assistencia actual nas fabricas se lhes guardarão os privilegios. E sahindo qualquer das ditas pessoas da occupação das fabricas, e empregos que a ellas pertencem, se lhes dará logo baixa no mesmo livro, para não poder logar os ditos privilegios.

17.ª Com condição que havendo guerra entre esta coroa, e qualquer outra Potencia, que possa ser, o supplicante e a sua familia, todos os socios, feitores e officiaes estrangeiros gozarão do privilegio de nacionaes, para não poderem ser expulsos do reino, não havendo cousa alguma contra o seu procedimento e fidelidade.

18.ª Com condição que o supplicante poderá collocar as Armas Reaes na frente das casas pertencentes ás fabricas, e usar nas suas marcas e escripturas do titulo de = *Fabrica Real*.

19.ª Com condição que durante o tempo de viute annos acima referidos não poderá o supplicante ser executado nos teares, engenhos, e materiaes pertencentes ás fabricas, mas logrará n'esta parte o mesmo privilegio, que é concedido aos senhores de engenho no Brazil.

20.ª Com condição que poderá o supplicante executar como por divida Real todos os que lhe forem devedores por occasião da fabrica, decla-

rando nos seus contractos esta mesma condição.

21.<sup>a</sup> Com condição que lograrão o supplicante, e seus officiaes respectivamente os mais privilegios, que são concedidos aos fabricantes, e contractadores das fabricas, e contractos Reaes, no que não forem expressamente limitados n'estas condições; com declaração que não terão lugar os ditos privilegios para isentar pessoa alguma a respeito das obras, que se fizerem por ordem de Sua Magestade.

22.<sup>a</sup> Com condição que se darão ao supplicante em cada hum anno trinta pipas de vinho livres de direitos, mandando-as vir do logar d'este reino, que lhe parecer, e sendo para o gasto da gente da fabrica; porém será obrigado a dar entrada das ditas pipas.

23.<sup>a</sup> Com condição que Sua Magestade nomeará um Juiz Conservador das ditas fabricas, ao qual se assignará ordenado competente á custa do supplicante; e terá jurisdicção para fazer executar as sobreditas condições, e as disposições do Regimento, com o mais que for necessario para conservação, e augmento das mesmas fabricas, e para cobrar as dividas que a ella se deverem.

ficio que ora arde e cuja construcção, começando em 1735, se concluiu em 1740. N'esta obra se dispendeu logo mais de metade do capital primitivo da companhia, o que comprometteu muito o progresso da fabrica, attenta tão importante immobilisação.

(Continúa)

Esteves Pereira.

### ESTAÇÃO SUBMARINA «FONTES»

O OCCIDENTE aproveitando a oportunidade vem apresentar aos seus leitores uma gravura d'esta importante e poderosa machina de guerra, cuja construcção o sr. Ferreira de Almeida propoz e com bém fundadas razões defendeu na sessão de 12 do mez passado na camara dos senhores deputados.

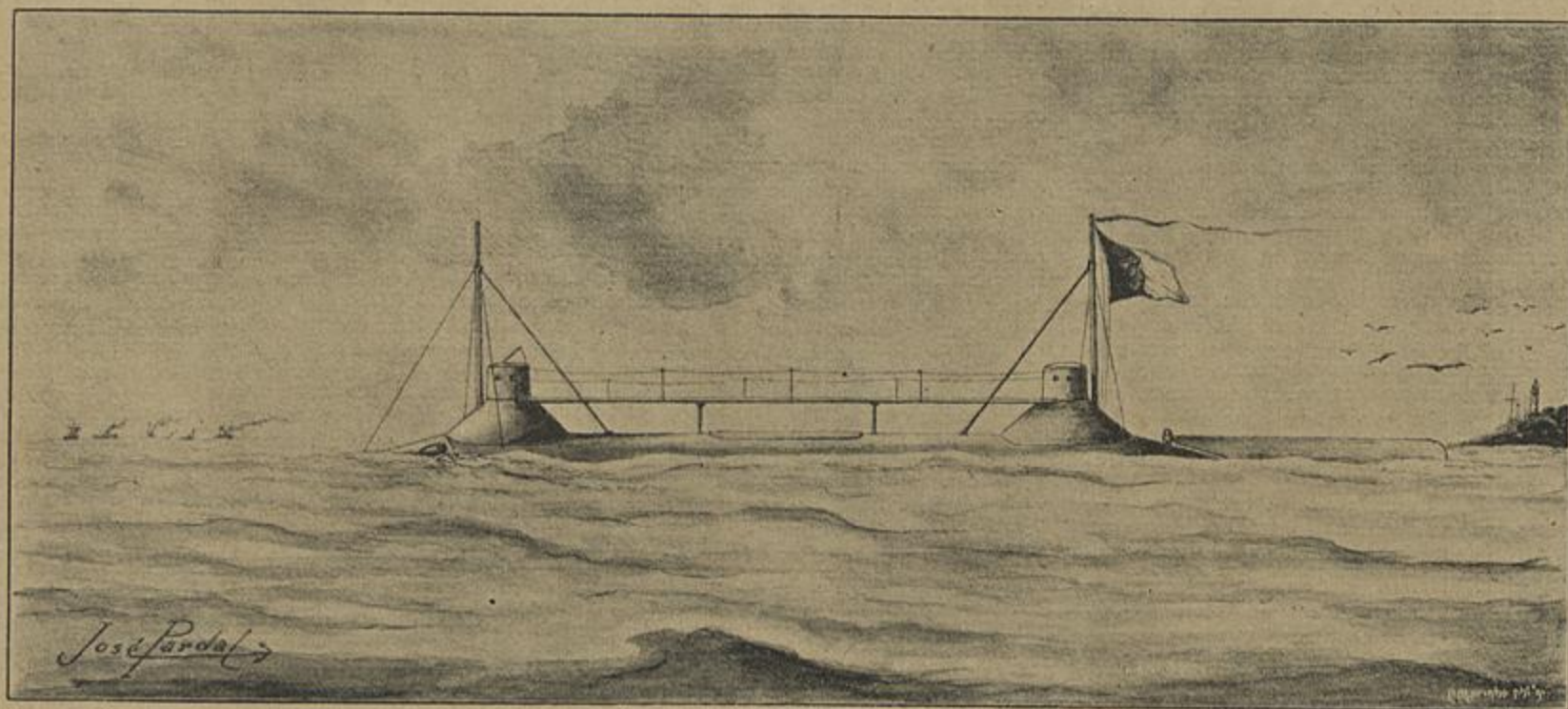
Em 21 de janeiro de 1894 démos duas gravuras d'este submarino, uma referente a um barco de 160 metros cubicos e a outra a um cujo deslocamento é de 182 metros cubicos; hoje, a nossa gravura representa um navio submarino com 434 metros cubicos de deslocamento total, em viagem á superficie do mar.

Gada um dos apparatus opticos ou de visão consta de um tubo de aço forjado com seis metros de comprimento, dois decímetros de diametro exterior e um centimetro e meio de espessura, terminado na sua parte superior por um pequeno tubo do mesmo metal, medindo sessenta centímetros de comprimento e cinco centímetros de diametro exterior fechado superiormente por uma campanula de vidro perfeito e homogeo, pintada interiormente na parte superior.

Este tubo tem livre movimento em uma caixa de estopas, podendo recolher-se em parte dentro do barco, e no seu interior ajusta-se levemente um outro tubo construido de aluminio, atravez do qual se acha combinado um systema de espelhos que apresentam em baixo as imagens do que se passa á superficie. O tubo interno tem movimento de rotação dentro do tubo exterior, e tem na sua parte inferior um limbo graduado munido de nonio.

A immersão e emersão fazem-se com lastro de agua.

Os movimentos no sentido vertical, obtida a conveniente immersão, a sua estabilidade entre aguas e posição de equilibrio são rigorosamente determinados por um arranjo especial e pelo emprego dos lemes horizontaes.



ESTAÇÃO SUBMARINA «FONTES» — AUTOMOVEL DE 434 TONELADAS

Aqui ficam, pois, por extenso, estas notaveis condições, cuja leitura bastará para seu eterno louvor.

Ficou assim auctorizado por este diploma Roberto Godin para se entregar á sua empresa, mas como lhe faltava capital, associou-se com Manoel Nunes da Silva Tojal, Manoel de Sande de Vasconcellos, Francisco Xavier Ferraz de Oliveira, João da Costa Carneiro, Manoel da Costa Pinheiro, Domingos da Silva Vieira, D. Gabriel Antonio Gomes, Christiano Stockler, e Domingos da Cruz Lisboa, formando todos uma companhia, cujas condições sociaes foram reguladas por escriptura de 5 de outubro de 1734, nas notas do tabellião Antonio da Silva Freire.

Os fundos com que entraram os associados foram da importancia de 60:400\$000 réis, divididos em acções de 400\$000 réis cada, e como este capital fosse na verdade insufficiente para tão grande empresa, tomaram dinheiro a juro, que foi de 4 a 6 e meio por cento. D'esses fundos pedidos por emprestimo ainda no anno de 1750, quando a fabrica sahiu da administração da companhia, se deviam 86:640\$700 réis.

Godin morava no sitio da Fonte Santa, e ahi começou o estabelecimento da fabrica. D'aquelle sitio, tentou a sociedade transferir-a para uma horta que comprou a um tal Bediô, ao fundo da rua de S. Bento, e ahi começou a fazer consideraveis despesas, porém depois assentou estabelecer-a no suburbio do Rato, que n'esse tempo era uma continuação do da Cotovia, no espaçoso edi-

E' este que em breve será construido por uma casa estrangeira, visto a camara ter regeitado a proposta do sr. Ferreira de Almeida e o inventor não desistir dos seus intentos.

A sua descripção, guardadas as convenientes e indispensaves reservas, resume-se no seguinte:

Este submarino tem a forma cylindrica, como os dois anteriores, terminando por duas pyramides conicas das quaes uma é a proa e a outra a popa. Esta ultima tem dois helices, um de cada lado, e o leme para a direcção no plano horizontal.

De cada lado do corpo do cylindro, e a meio d'este, ha um leme horizontal para os movimentos no sentido vertical quando navega ou está fundeado entre aguas correntes.

Na parte superior do costado elevam-se duas cupulas, ambas guarnecidas de vigias e de um apparelho optico destinado não só para a observação do que se passa á superficie quando o barco está occulto entre aguas, mas para medir angulos nos planos horizontal e vertical, n'estas circumstancias.

Em cada uma das cupulas ha uma escotilha para entrada, e entre ellas está estabelecida uma ponte sobre o costado.

Na parte inferior do corpo principal da embarcação (parte cylindrica) ha tres camaras submarinas abertas para fóra, pelo fundo, as quaes teem comunicação para dentro por meio de antecamaras. Estas camaras são destinadas para trabalhos submarinos.

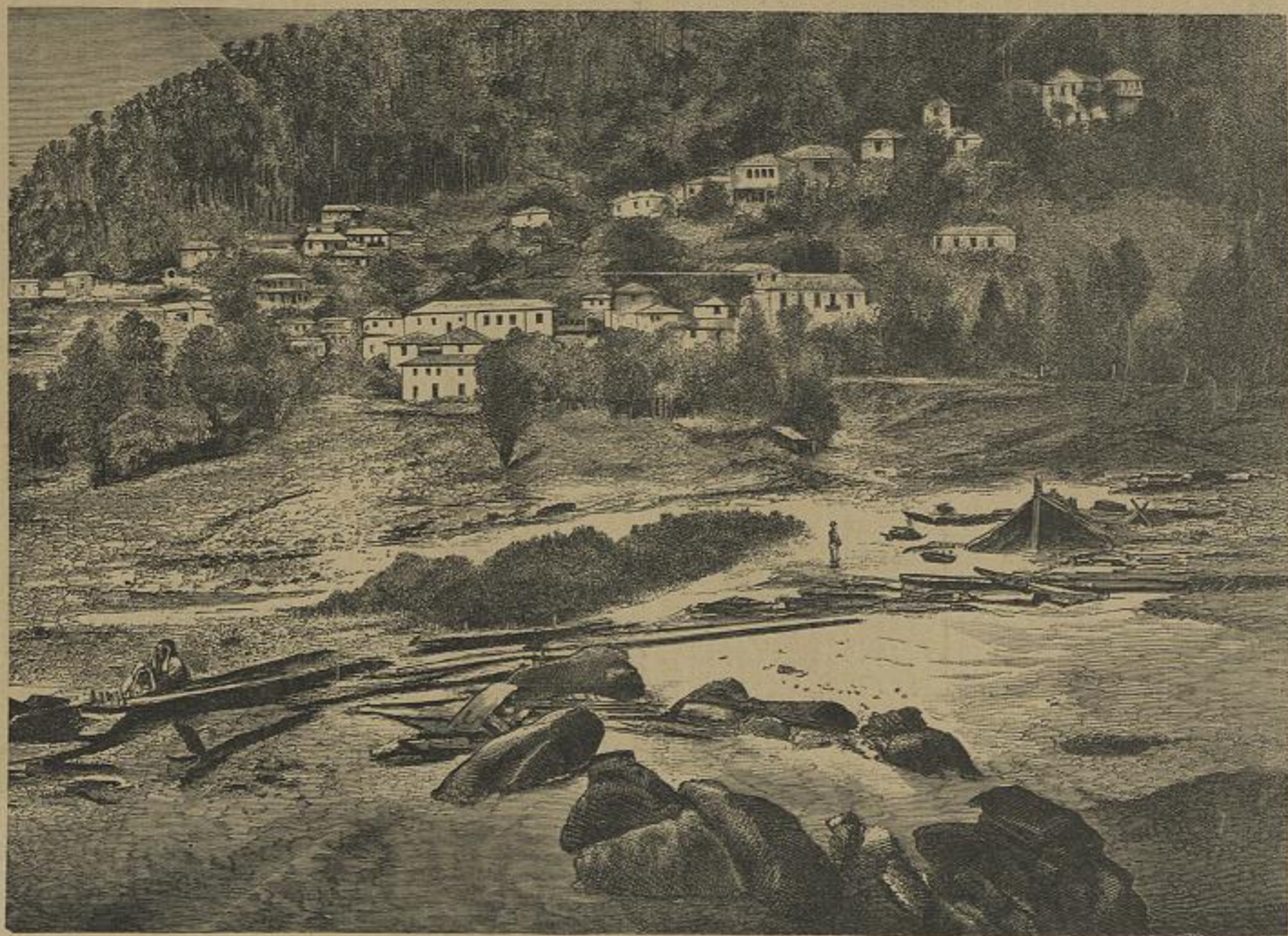
O ar respiravel é renovado directa e constantemente da atmosphera, para o que tem duas mangueiras em comunicação com duas poderosas ventuinhas, servindo uma para aspirar o ar exterior e lançal-o dentro da embarcação, e a outra para expellir o ar interno, estabelecendo uma corrente constante de ar novo na atmosphera interna.

Estas mangueiras vão abrir nos extremos dos tubos de visão, no ponto em que elles diminuem de diametro, e servem sempre que as extremidades d'estes tubos se acham fóra da agua. Um apparelho especial faz lançar fóra a agua que entra pelas mangueiras conjunctamente com o ar.

O serviço d'estas mangueiras é desempenhado por duas outras que se acham enroladas em dois tambores, d'onde se fazem desenrolar quando convenha, cujo serviço ainda é substituido pelo emprego do ar comprimido existente em depositos apropriados, quando o comprimento d'estas mangueiras não chegar á superficie das aguas, ou quando seja necessario occultar por completo a posição do submarino.

Este submarino é armado com dois tubos para o lançamento de torpedos, é dotado com verdadeira e completa autonomia e tem as seguintes dimensões: comprimento total — 39 metros, tendo 21 metros o corpo cylindrico e 9 metros cada pyramide conica; diametro — 4,5 metros, e deslocamento total 434 metros cubicos.

Agora, como fecho a este nosso artigo, e para bem se poder conhecer o valor da machina «Fontes»



CALDAS D'AREGOS

(Cópia do *Douro Illustrado* edição dos srs. Magalhães, & Meniz)

Como engenho de guerra, vamos indicar as suas principaes qualidades e que a tornam bem diferente e muito superior a todas as suas congêneses. São as seguintes:

1.<sup>a</sup> É uma estação ou bateria submarina, mas bateria movel, habitavel, destinada a servir indistinctamente como engenho de guerra, fazendo uso de todas as especies de torpedos, como sino mergulhador ou observatorio submarino, achando-se sempre em relação directa com a atmosfera exterior e sempre independente de outra estação de qualquer ordem.

2.<sup>a</sup> Tem a sua estabilidade de equilibrio rigorosamente garantida sem despeza da sua força motora, quer navegando á superficie ou debaixo de agua, quer estando parado e fundeado entre aguas.

É n'este ponto que reside o principal valor do invento «Fontes» pois n'elle se realisa perfeita e completamente a condição fundamental da questão dos submarinos — a *rigorosa estabilidade de equilibrio d'um barco submarino de grandes dimensões em todas as posições possíveis, sem despeza de força, quando submerso.*

3.<sup>a</sup> Não necessita de ser dotado d'uma grande velocidade nem da extrema mobilidade exigida a todos os outros submarinos, visto ser principalmente destinado a operar achando-se fundeado debaixo d'agua, não obstante poder manobrar em plena liberdade de movimentos como qualquer outro submarino.

Grumete.

## AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(VERSÃO)

(Continuado do numero anterior)

XXI

Logo depois da morte do illustre bispo de Guamanga, o muito nobre senhor D. Bartolomé Lobo Guerrero, arcebispo metropolitano de Lima desde o anno de 1607 até 12 de janeiro de 1622, em que falleceu, mandou-me buscar:

As freiras deixaram-me ir, não sem grande pena. Parti em liteira escoltada por seis padres, quatro frades e seis homens d'armas.

Entrámos em Lima era já noite fechada. Contudo não pudemos avançar a travez a multidão de curiosos que queriam vêr a *monja alferes*. Apeei-me á porta do senhor Arcebispo. Tive difficuldade em entrar. Beije a mão de Sua Senhoria, que me presenteou liberalmente e me deu pousada n'aquella noute.

No dia seguinte, de manhã, levou-me ao palacio do vice-rei D. Francisco de Borja, conde de Mayaide e principe de Esquilache, que governou o Perú, desde 1615 até 1622. N'esse mesmo dia, jantei em casa d'elle. A' noite, voltei para casa do senhor arcebispo, onde achei uma farta ceia e uma boa cama.

No outro dia, Sua Senhoria disse-me para vêr e escolher o convento em que queria ficar. Pedi-lhe licença para visitar todos.

Assim fiz. Vi e visitei todos, demorando-me tres ou quatro dias em cada um. Finalmente, decidi-me pelo da Santissima Trindade das Comendadeiras de S. Bernardo, grande convento onde estão cem religiosas de véo preto, cincoenta de véo branco, dez noviças, dez conversas e dezeseis servas.

Ahi vivi justamente dois annos e cinco mezes, até que vieram de Hespanha as provas authenticas de que não fóra nem era monja professa. A' vista d'ellas, fui auctorizada a sahir do convento, com geral sentimento e pezar das freiras, pondo-me logo a caminho de Hespanha.

Fui primeiro a Guamanga vêr as senhoras do convento de Santa Clara, e despedir-me d'ellas.

Reteram-me ahi oito dias, com muitos obsequios, prendas e sinceras mostras de pena á despedida.

Continuei a minha viagem, dirigindo-me á cidade de Santa Fé de Bogota, no novo reino de Granada. Fallei ao bispo senhor D. Julian de Cortazar, que insistiu muito para que allí ficasse no convento da minha ordem.

Respondi-lhe que não pertencia a ordem alguma, e que os meus cuidados eram voltar ao meu paiz, onde faria o que me parecesse mais conveniente para a minha saude.

Depois d'isto, e tendo recebido um bello presente que elle me deu, apresentei-lhe as minhas despedidas.

Dirigi-me a Zaragozas subindo o rio Magdalena. Ahi, cahí doente. O territorio é no meu entender mortifero para os hespanhoes. Estive quasi a decidir.

No fim de alguns dias, achando-me um pouco melhor, o medico mandou-me partir. Mal me podia ter de pé. Desci o rio até Tenerife, onde me restabeleci promptamente.

XXII

A armada do general D. Thomaz de Larraspu-ru achava-se em Carthagená, estando prestes a largar para Hespanha. Embarquei na nau capitã; isto em 1624.

O general acolheu-me muito amavel e obsequiosamente, presenteou-me, fez-me sentar á sua meza e continuou dispensando-me tão delicado e honesto tratamento até passadas mais de duzentas leguas, além do canal de Bahama.

Mas, um bello dia, n'uma discussão ao jogo, estive a ponto de ferir alguém na cara com uma faca que por acaso apanhei á mão. Fcaram todos com muito medo de mim.

O general viu-se constrangido a affastar-me, e mandou-me passar para a nau almiranta, na qual iam compatriotas meus.

Esta mudança não foi muito do meu gosto, e pedi-lhe que me transferisse antes para o patacho *San Telmo*, cujo capitão era André de Oton.

Consentiu n'isso; mas logo me aborreci, porque este navio, que servia de aviso, fazia muita agua e não poucas vezes estivemos perto de ir para o fundo.

Graças a Deus, chegámos a Cadiz em 1 de novembro de 1624.

Desembarcámos, ficando eu oito dias n'esta cidade. O sr. D. Fradique de Toledo, general da armada, foi muito amavel para comigo. Tinha elle ao seu serviço dois de meu irmãos, aos quaes reconheci e lh'os apresentei.

Desde então, para me ser agradavel e distinguir-me, protegeu-os muito, fazendo-os avançar bastante na sua carreira. A um, conservou-o sempre ao seu serviço; e ao outro, fel-o alferes.

XXIII

De Cadiz, fui a Sevilha, onde me demorei quinze dias, occultando-me sempre o mais possível, e fugindo do povo que se agglomerava para me vêr vestida de homem.

D'ahi, dirigi-me a Madrid, estando escondida uns vinte dias. Prenderam-me, não sei porquê, por ordem do vigário. O conde de Olivares mandou-me soltar. Então accomodei-me com o conde de Javier, que ia partir para Pamplona, e fiz-lhe companhia durante dois mezes.

De Pamplona, deixando o conde de Javier, parti para Roma, porque se estava no anno santo do grande jubileu.

Encaminhei-me para França. Soffri misérias cruéis, porque, atravessando o Piemonte, nas proximidades de Turim, fui accusado de ser espião hespanhol, preso, despojado do pouco dinheiro e fato que levava, e mettido na prisão durante cincoenta dias.

Passados elles, esta gente, tendo, ao que presumo, feito as suas diligencias e não encontrando nada que fosse contra mim, deu-me a liberdade.

Não me deixaram as auctoridades, porém, proseguir na minha jornada e obrigaram-me a retroceder, sob pena de ir parar ás galés.

Vi-me, pois, forçado a voltar, com grande custo, pobre, a pé e mendigando.

Chegado a Toulouse, em França, apresentei-me ao conde de Gramont, vice-rei de Pau e governador de Bayona, ao qual, na minha vinda, trouxera e entregára cartas de Hespanha. Ao vêr-me, o bom do gentil-homem affligiu-se muito, mandou-me de vestir, obsequiou-me com diversos presentes e deu-me, para o caminho, cem escudos e um cavallo.

Parti então.

Vim a Madrid e apresentei-me a Sua Magestade, supplicando-lhe me recompensasse dos serviços que eu expunha n'um memorial que entreguei nas suas regias mãos.

Sua Magestade mandou-me ao Conselho das Indias, ao qual me dirigi com os papeis que salvará do meu desastre. Os senhores do Conselho viram-me, e sendo-me favoraveis, por indicação de Sua Magestade, concederam-ma uma renda vitalicia, um pouco menos do que eu pedira. Aconteceu isto no mez de agosto de 1625.

Por este tempo, succederam-me na côrte algumas aventuras de pequena importancia, que omitirei.

Pouco tempo depois, partiu Sua Magestade para as Côrtes d'Aragão, e veiu a Saragoça nos primeiros dias de janeiro de 1626.

XXIV

Dirigi-me para Barcelona, na companhia de tres amigos que iam para lá. Havendo-nos de-

morado durante algum tempo em Lérida, reco-meçámos a jornada em quinta feira Santa, depois do meio dia.

Cerca das quatro horas da tarde, aproximávamo-nos de Valpuche, muito alegres e descuidados, quando de repente, n'uma volta do caminho, nos sahiram ao encontro de traz d'umas arvores, uns nove homens armados de escopetas e de cães de fila, e que nos cercaram gritando:

— Pé em terra!

Não tivemos outro remedio senão obedecer-lhes, descendo do cavallo, muito felizes por poder o fazer com vida. Tiraram-nos as armas, os cavallos, o fato e tudo quanto tínhamos, deixando-nos apenas os nossos papeis, os quaes lhes pedimos por favor. Depois de os examinarem cuidadosamente restituíram-n'os, sem nos deixarem um fio qualquer.

A pé, nus, cheios de vergonha, proseguimos o nosso caminho e entrámos em Barcelona, em sabado Santo de 1626, sem que soubessemos, eu pelo menos, o que havíamos de fazer.

Os meus companheiros foram cada um pelo seu lado, procurando remedio.

Quanto a mim, fui de porta em porta contando a lamentavel violencia de que fóra victima, e recebi alguns andrajos e uma velha capa para me cobrir.

A noite aproximava-se. Refugiei-me n'um portal, onde encontrei deitados uns pobres mendigos. Soube por elles que o rei estava alli dentro e que tinha ao seu serviço o marquez de Montes Claros, cavalheiro tão valente quanto bom e caridoso, com o qual eu tratara e convivera em Madrid.

De manhã, tratei de o procurar e contei-lhe a minha desgraça.

O bondoso homem affligiu-se muito por me ver em tão miseravel estado, fornecendo-me logo de vestir, e aproveitando aquella occasião, apresentou-me ao rei.

Assim que me encontrei na presença de Sua Magestade, relatei-lhe com toda a verdade a minha desventura.

Escutou-me elle com attenção e perguntou-me ao final:

— Como se deixou roubar?

— Senhor, respondi eu, porque me não pude defender.

— Então, quantos eram elles?

— Nove, senhor, armados de escopetas, de cães de fila, e que nos surprehenderam descuidados, n'uma volta do caminho.

Sua Magestade inclinou-se para receber o meu memorial.

Entreguei-lh'os, beijando-lhe a mão.

— Eu o lerei, me disse.

E Sua Magestade, que se puzera de pé, saiu.

Não tardou muito que recebesse o mandato pelo qual Sua Magestade ordenava que me provesses de quatro rações de alferes reformado e de trinta ducados de gratificação.

Depois, tendo-me despedido do marquez de Montes Claros, a quem eu devia tudo isto, embarquei na galera correio de Sicilia, a *San Martin*, que se dirigia a Genova.

XXV

Saindo de Barcelona a bordo da galera, chegámos rapidamente a Genova, onde nos demorámos quinze dias.

Uma bella manhã, veiu-me ao espirito a idéa de ir visitar o official do registro, general Pedro de Chavarria, cavalleiro de Sant'Iago.

Era muito cedo, ao que parecia, porque a sua casa ainda estava fechada, quando lá cheguei.

Para matar tempo, puz-me a passear. Depois, sentei-me n'um banco de pedra que havia á porta do palacio do principe Doria.

Em seguida, veiu tambem sentar-se alli um sujeito bem vestido. Era um bello soldado, de belleira comprida, que, pela falla, reconheci ser italiano. Cumprimentámo-nos. Trocámos algumas phrases e estabeleceu-se a conversação.

Logo ao começo, perguntou-me elle:

— O senhor é hespanhol?

Respondi-lhe affirmativamente, e elle ajuntou: — Concluo d'ahi que deve ser muito soberbo, porque os hespanhoes são todos muito arrogantes ainda que não tenham tanto pulso como o de que se gabam.

Pois eu julgo-os em tudo e por tudo muito valentes, repliquei-lhe com vigor.

— E eu sei que todos elles juntos são um monte de estrume!

Não me pude conter. Levantei-me e disse-lhe:

— Não falle d'essa maneira, porque o ultimo dos hespanhoes vale muito mais que o melhor dos italianos.

— Sustenta o que diz? perguntou-me.  
— Que duvida!  
— Pois bem, seja isso já immediatamente!  
E dirigi-me para as trazeiras de um reservatório de aguas que alli havia.

Elle seguiu-me.  
Desembainhámos as espadas e começámos a esgrimir.

De repente, vi um outro galã que veio postarse ao lado do meu contender. Ambos esgrimiam de corte, e eu de ponta.

Feri o italiano, que logo cahiu. Restava o outro, que eu fazia romper deante de mim, quando chegou um coxo, muito divertido, sem duvida, um amigo, que se pôz a seu lado atacando-me vivamente.

Appareceu um terceiro que se collocou a meu lado, talvez porque me viu só, pois eu o não reconheci.

Bem depressa accorreram, ao tinir dos ferros, tantos e tantos amadores, que o duello se tornou n'um verdadeiro motim, do qual muito bellamente eu me safei, sem que ninguém desse por isso, e pouco curioso em saber do desfecho, voltei para a galera, onde me tratei de um ferimento na mão.

O Marquez de Santa Cruz estava em Genova. De Genova, dirigi-me a Roma, onde beijei o pé a Sua Santidade o papa Urbano VIII, a quem relatei succintamente e o melhor que soube e pude a verdade da minha vida, aventuras, sexo e virgindade.

Sua Santidade pareceu achar assaz extranhos esses factos, mas concedeu-me amavelmente licença para poder usar fatos de homem, recomendando-me muito, todavia, que continuasse a viver honestamente, abstando-me de offender o proximo e que me guardasse bem de infringir, sob pena de castigo de Deus, o seu mandamento que diz: Não matarás. E fiz-lhe as minhas despedidas.

Tudo isto se tornou em breve bem notorio na cidade de Roma; e foi notavel o numero de pessoas que me rodearam: altas personagens, principes, bispos e cardeaes. Todas as portas estavam abertas para mim, se bem que, durante o mez e meio que estive em Roma, raro foi o dia em que me não convidou para jantar e festejar-me em sua casa algum principe.

Especialmente, n'um certa sexta feira, por ordem expressa e á custa do senado, fui convidado a assistir a um banquete que me era offerecido pelos gentis-homens da cidade, os quaes inscreveram o meu nome no livro dos cidadãos romanos.

Depois, no dia de S. Pedro, a 29 de junho de 1626, fizeram-me entrar na Capella, onde presenciei as ceremonias do costume e fallei aos cardeaes. Todos, ou quasi todos, se mostraram muito amaveis e lisongeiros para comigo.

Conversei com alguns á tarde, achando-me eu n'uma reunião com tres cardeaes, sendo um o cardeal Magalon, disse-me elle que o meu unico defeito era ser hespanhol. Ao que lhe repliquei:

— No meu entender, Monsenhor, e salvo o respeito que devo a Vossa Illustrissima Senhoria, é apenas isso o que tenho de bom.

## XXVI

Decorridos mez e meio de permanencia em Roma, parti para Napoles.

A 5 de julho de 1626, embarcámos em Ripa. Um dia, em Napoles, andando eu a passear pelo molhe do caes, notei as risadinhas de duas donzellas, que fallavam com dois bellos mancebos e olhavam para mim com ar escarninho.

Encarei-as com firmeza:  
Uma d'ellas disse-me então:

— Senhora Catalina, aonde vaes assim vestida?  
— Dar-lhes cem palmadas no cachaco, senhoras sem vergonha, e cem estocadas no rufião que osar defendel-as!

Ellas calaram-se e foram-se embora.

(Conclue).

*Esteves Pereira.*

REMOQUES<sup>1</sup>

## EXCERPTO

Eu vou abrir uma loja,  
Destinada a vender ligas,  
Em que tenha por freguezas  
Só bonitas raparigas.

E, de ligas muitos pares  
Eu darei ás raparigas,  
Se ellas deixarem que veja  
Como lhes ficam as ligas.

O folgazão do tio Braz  
A beber é um portento,  
E os dias passa a beber  
Sem descançar um momento.

«Toma juizo» lhe dizem  
Amigos pelo caminho.  
— Tomar juizo? responde  
— É bem melhor tomar vinho.

O meu bem nas suas cartas  
Costuma deitar borrões;  
Mas os borrões são das cartas  
Os mais pequenos senões.

O meu bem nas suas cartas  
Faz coisas como não ha:  
Escreve beijo com V,  
Escreve amor com H.

Muito alegre e satisfeito,  
A mim mesmo promettia  
Rir-me sempre da má sorte,  
Viver só para a folia.

Que rematada tolice  
Foi a promessa que fiz!  
Veiu amor bater-me á porta,  
Passei a ser infeliz.

Os teus retratos, menina,  
Já correm por tanta mão,  
Que até lembram os retratos  
De algum alto figurão.

Suppondo cada retrato  
Que a seu namoro foi dado,  
Talvez mais de cem namoros  
Tu já tenhas ajuntado.

Prometteste de me dar  
Uma gravata de gosto;  
E, desde então, na promessa  
Trago o meu sentido posto.

Mas corre o tempo e a gravata  
Ainda não houve quem visse;  
Talvez me chegue a gravata  
Quando me chegue a velhice.

Sempre muito embonecado,  
No vestir é um liró;  
Camisa de fino linho,  
Luneta de um vidro só;

Chapéu de seda lustrosa,  
Bota muito afiambrada;  
Tirem-lhe a capa de fóra —  
Por dentro não acham nada.

Não sabe o mano qual é  
Da velha mana o segredo,  
Que as feias brancas se afastam  
Da velha mana com medo.

Podesse o mano attentar  
Nos pêlos da velha mana,  
Que veria os pêlos tintos  
Com agua circassiana.

Quando me viste negar-te  
As joias que me pedias,  
Respondeste que coravas  
Das minhas sovinnarias.

Menina, por mim não córes,  
Que te póde isso affrontar;  
Córa por ti, que te sobram  
Motivos para córar.

Ella botou-me cartinha  
Pendurada n'um cordel.  
Mas, como estava a chover,  
Molhou-se todo o papel.

Não pude pois soletrar  
A cartinha do derricho;  
E não sei se perdi muito,  
Se ganhei muito com isso.

*Pedro Vidoeira.*

## NECROLOGIA

## Rodrigo de Boaventura Martins Pereira

No dia 20 de julho saía d'uma modesta casa da rua dos Prazeres para o Cemiterio occidental o cadaver do professor Boaventura Martins, acompanhado por alguns lentes da Escola Medica que iam officiosamente render a derradeira homenagem a um confrade, para alguns d'elles quasi desconhecido, por algumas pessoas a quem as relações da familia do finado impunham o sacrificio de comparecer n'aquelle acto e por muito poucos amigos e collegas que iam dizer o ultimo adeus áquelle qua na vida tanto presaram.

Em sepultura rasa lá ficou a descançar da mais triste e attribulada existencia esse grande infeliz, e, como glorificação, apenas uma singela despedida pelo director da Escola de Medicina, seguida da leitura de mal traçadas phrases e commoivamente lidas por quem escreve estas linhas.

E comtudo aquelle cadaver que ali jazia, era d'um homem que gosára da maior aura a que um medico póde aspirar no tão limitado tempo em que exerceu, e da mais alta admiração que um novel professor podia usufruir.

Vinte annos de doença e de soffrimento, vinte annos de afastamento das lides clinicas e do professorado, apagaram o enthusiasmo com que antigos admiradores exaltaram o seu merito e antiquaram a ultima prova de reconhecimento que á sua extensa clientella, posto que disimada pelo tempo, incumbia o dever de pagar.

Bafeijara-o a sorte nos primeiros annos da sua existencia.

Dotado de qualidades physicas excepcionaes que o tornaram sympathico a todos que o conheciam; lhano e affavel, extraordinariamente sagaz e talentoso, Rodrigo de Boaventura deixou em todas as aulas que frequentou a mais alta fama do seu valor. Mestres e condiscipulos proclamavam com enthusiasmo os seus altos dotes de intelligencia.

Um anno mais moderno no curso medico que o seu dilecto amigo Sousa Martins, com a mesma orientação scientifica d'este, não era offuscado nas variadas manifestações intellectuaes por tão saudoso homem de sciencia e de coração, cuja perda a sua classe hoje pranteia e a nação inteira antevê a enorme falta.

Se a palavra de Rodrigo era menos eloquente e impetuosa; se as suas faculdades de trabalho se não podiam confrontar com as de Sousa Martins e portanto o numero de seus conhecimentos scientificos era mais limitado, se á sua analyse faltaram muitos dos elementos de que aquelle dispunha, equalava-o comtudo na replica prompta, rapida e incisiva, sobrelevava-lhe na maneira de generalisar um assumpto e excedia-o muito na aptidão cirurgica.

Ficou lendaria esta desde o banco das aulas, e o brilho da reputação do profissional não foi impadado pela pericia e ousadia do estudante.

A elegancia e firmeza com que impunhava o bisturi, o modo rapido e seguro como remediava os accidentes inesperados que occorriam durante o acto operatorio, factos presenciados por muitos collegas que ainda existem, as reflexões judiciosas com que acompanhava os seus trabalhos cirurgicos, algumas d'ellas publicadas nos jornaes da epoca, exigem que penna mais aparada do que a minha levante o monumento devido á memoria d'este grande cirurgião.

Pela sua franqueza e sinceridade captivava os que d'elle se aproximavam.

Desprezava os hypocritas e os dissimulados, e nos actos mais solemnes da sua vida nunca deixou de expender pela palavra e mostrar por acções toda a independencia das suas opiniões.

Nas vespuras de um concurso para professor da escola medica, desforçara-se publicamente de um lente que o havia insultado.

Era um candidato que se propunha conquistar o lugar, fiado unicamente no seu saber e intelligencia, sem pretender angariar outros elementos que não fossem os que um homem independente podesse trazer á lucta.

Franco e sincero expendia e repartia com todos, as suas idéas e o fructo dos seus estudos.

<sup>1</sup> Do livro LYRICA POPULAR de Pedro Vidoeira.

Ria-se dos monopolisadores de sciencia que outros haviam exposto em livros.

A sua these de concurso fôra dictada publicamente no banco do hospital, durante as horas de serviço que o primeiro collega que apparecia, era obrigado a transmittir á escripta.

Estas qualidades que se impunham á consideração de todos; a nobre independencia, que durante as provas de concurso para lente da escola medica patenteou, augmentarem-lhe o prestigio entre os estudantes a ponto tal que, esquecendo estes o dever de imparcialidade, imposta aos assistentes de actos d'esta ordem, por diversas vezes ostensiva e ruidosamente mostraram a sua admiração pelo candidato querido.

Como professor apenas um anno poude reger a cadeira de anatomia, e na gerencia d'esta seguio sempre a mesma orientação scientifica de que tão grande propaganda fizera como estudante

Com Sousa Martins poi introductor na escola de Medicina dos estudos positivos.

Darwin inspirara-lhe a sua these inaugural, Vogt e Haeckel eram os seus guias nas questões mais transcendentales da cadeira que professava.

A *tabes dorsalis* que desde o seu ingresso ao professorado o torturava, com as mais acervas dôres, em pouco tempo lhe invadiu a retina, produzindo-lhe a cegueira.

O golpe era profundo, mas Rodrigo, vontade de bronze luctou contra esta terrivel desgraça.

Auxiliaram-n'o amigos dedicados.

Todas as noites em casa de Rodrigo, no denominado club da rua dos Douradores, lhe eram lidos os livros mais notaveis da sciencia e discutidas as novidades scientificas do dia.

Sousa Martins, João Ramada, Ribeiro Alves e o padre Baptista de Sousa já fallecidos e João Campos, José Antonio Serrano, Bettencourt Raposo, dr. Laranjo que comigo pranteiam a sua morte, cumpriam religiosamente esta tarefa.

Durante o dia leitores assalariados faziam-lhe largas e prolongadas leituras.

Rodrigo pensara em continuar a reger, mas, como a unica cadeira da secção cirurgica que não tinha demonstração era a de Pathologia externa e essa estava preenchida pelo professor Arantes, teve que resignar a esta aspiração.

Não podendo continuar no professorado nem por isso ficou inerte. Publicou uma memoria sobre a promoção hospitalar em que mostrara os absurdos da lei que n'este ponto regia o hospital de S. José; uma serie de cartas, mais tarde reunidas em volume, dirigidas ao ex.<sup>mo</sup> visconde de Chancelleiros, sobre a região vinicola da Merceanna e por ultimo uma memoria sobre rotação e movimento curvilíneo, cuja doutrina, não sendo compartilhada pelos conhecedores do assumpto, nem por isso revella menos o talento de quem a escreveu.

A doença que lhe atrophiara a retina fizera, attingindo-lhe o cerebro, depressar todas as dedicações com que se pretendia suavisar-lhe a sua desgraça e, afastando-se dos que mais o amaram, condemnou-se á mais dolorosa de todas as existências.

Tributou sempre ao seu amigo Sousa Martins a mais alta consideração e amizade; e a grande magua da sua vida era vêr interrompidas as suas relações de outr'ora.

A doença do seu antigo companheiro contristou-o profundamente.

Procurava noticias a cada momento e lamentava que o amor excessivo pelo trabalho marcasse a Sousa Martins um fim tão proximo, que a morte, compadecendo-se d'elle, o livrou de presenciar.

O fallecimento de Rodrigo foi para aquelle um profundo desgosto e mais contribuiu para abreviar a sua abalada existencia. Coração de ouro vertia sentidas lagrimas, recordando os alegres tempos de estudante em que os dois eram a esperança da sua classe.

Um mez depois fallecia em Alhandra o grande medico portuguez.

A morte envolvia quasi ao mesmo tempo, no seu negro manto estes dois grandes talentos a quem a doença terrivel separou apenas nas relações externas, esses dois grandes professores; um que

teve a satisfação de vêr realisado o seu ideal, orientando, durante quasi trinta annos, as gerações medicas no amor pela sciencia e pela verdade e que teve a rara fortuna de assistir á sua apothese em vida; o outro, estrella de igual brilho, apenas por pouco tempo fez ouvir a sua voz na cadeira do professorado e morrê quasi esquecido. E a doença que o aniquilava deixa até aos derradeiros momentos ás suas faculdades mentaes todo o poder de bem avaliar a triste realização do seu infeliz destino.

Gregorio R. Fernandes.



Recebemos e agradecemos :

Lyrica Popular — com uma carta posthuma de



RODRIGO BOAVENTURA MARTINS PEREIRA

FALLECIDO EM 19 DE JULHO DE 1897

João de Deus, — por Pedro Videira — José Bastos Editor — Lisboa — 1895.

Contingencias diversas fizeram com que o livro a que nos vamos referir só ha pouco sahisse por completo a lume, embora a sua impressão começasse ha dois annos como se vê do frontespicio. D'essa demora estamos sobejamente pagos porquanto a *Lyrica Popular* é uma graciosissima colleção de conceituosas quadras de estylo popular, escriptas por um poeta primoroso.

Como bem diz o egregio João de Deus na sua cartinha a Pedro Videira, «a quadra popular, a cantiga, essa flor da alma do povo, tem dente de coelho; é na sua pequenez um poema; a sua lucidez, a sua transparencia ha de ser como a da agua das fontes, e ha de ter muita intenção ou muita graça.»

Se o auctor da *Lyrica Popular* soube comprehender na estrutura intima das suas quadras a musa popular é isso caso averiguado, e por quem intendia do assumpto, pois que é ainda João de Deus quem nos diz, na alludida carta:

«O Videira tem centos d'ellas admiraveis, que hão de ficar, e o que é eterno, é bello.»

Lendo de um folego todas as numerosissimas quadras, que não são menos de mil e quinhentas, admiramos n'ellas a extraordinaria abundancia dos conceitos e a delicadeza da sua expressão, ora mimosa, ora incisiva, como nos *Remoques* de que em outro logar damos uma amostra. A profusão

de pequeninos poemas aturde como se fôra de luz, e não sabemos explicar como em tantas quadras não encontrámos nenhuma semelhante, o que prova as raras faculdades do poeta que soube fugir a repetições ou mesmo sequer a variantes.

D'essa primeira e rapida leitura, ficaram-nos de memoria algumas das quadras que mais nos agradaram. Sendo totalmente novas, pareceram-nos pela graça e pelo mimo já muito nossas conhecidas, privilegio este da sua belleza, porque não queriamos acreditar havel-as tanto tempo ignorado.

Eis umas seis, colhidas do principio ao fim do livro:

Nas pedrinhas da calçada  
Em que os pés costumam pôr,  
De gosto poria os beijos  
Em signal do meu amor.

Se os não ponho, é por ter  
Medo das pedrinhas profanar.  
Que pedrinhas que tu pizes  
São como pedras de altar.

De feias mães nascem filhas  
Bonitas como os amores.  
Cardos do monte — e são cardos —  
Tambem se cobrem de flores

Em solteira não te quieram  
Querem-te agora em casada —  
Fructa que tem quem a guarde  
É sempre a mais desejada.

Tu negas ter recebido  
As cartas que te escrevi,  
Quando o correio me afirma  
Que as entregou mesmo a ti.

Não mintas, pois, ó ingrata,  
Que o mentir é muito feio.  
Confessa que em mim não pensas  
Mas não culpes o correio.

É dos *Remoques*, por ser a parte mais original e caracterisar uma feição especial da lyrica popular, que preferimos dar um excerpto aos nossos leitores, a fim de avaliarem do livro do illustre poeta.

E quando dizemos *original* não se pense que nas outras divisões da *Lyrica Popular* ha quaesquer reminiscencias, o que não seria difficil dar-se quando o artista tanto se inspirou na maneira do povo, mas elle so buscou n'ella a forma, em que modelou os seus pensamentos.

É isto o seu verdadeiro triumpho, pelo que sinceramente o felicitamos.

O *Jornal dos Romances, illustrado*.

— Porto. — Julho a Setembro de 1897.  
Com a precisa regularidade temos recebido o *O Jornal dos Romances*, com illustrações intercalladas no texto que dão um vivo realce á publicação, unica n'este genero.

O ultimo numero, além dos primorosos romances, *Joanninha, a costureira, O Romance d'un Soldado, A Cidade Aerea, Secção recreativa e Pa-lestra scientifica*, publica dois sensacionaes artigos sob a epigraphe *Sciencias occultas e Sciencias moraes*.

### Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Entrou no prélo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez.

Desde já se recebem encomendas na EMPREZA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

LIVROS PARA RIR

### O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Traducção de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a côres

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220

Pedidos á *Empreza do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39